

Lição de sobrevivência diante da dor sem fim

Psicanalistas discutem as diferentes formas de luto das famílias de jovens que tiveram morte súbita e violenta

Leticia Helena

São dois filmes, uma história parecida e uma tragédia cada vez mais presente no cotidiano dos brasileiros. Candidato ao Oscar, o americano "Entre quatro paredes" e o italiano "O quarto do filho", premiado em Cannes, falam da dor pela perda de um filho. Um drama traduzido em números. Segundo estatísticas do IBGE e da Unesco, entre os 15 e os 19 anos de idade, 79,5% dos jovens que morrem são vítimas de causas externas, como assassinatos ou acidentes de trânsito. Somente no Rio, na década de 90, foram mortos cerca de 500 jovens por ano. Sem falar que 70% dos desastres fatais envolvem jovens de 18 a 25 anos.

— Se você perde o companheiro, fica viúvo. Se perde o pai, vira órfão. Mas, em nenhuma língua, existe uma palavra para designar o estado de quem perde um filho — afirma a psicóloga Gláucia Rezende Tavares, que, com a morte da filha Camille, de 18 anos, num acidente de trânsito, em 1998, criou a Associação de Perdas Irreparáveis, em Belo Horizonte, que reúne famílias vítimas desse tipo de tragédia.



Fotos de Fábio Seixo

ELOYNA GUIMARÃES: A mãe do estudante Frederico Guimarães, assassinado aos 21 anos, em 1998, guardou apenas fotos do filho. As roupas e objetos foram entregues a amigos do rapaz, um dia após a morte. O autor do disparo que matou Fred, pelas costas, já está preso, mas ainda não foi julgado. A família luta agora para ver na cadeia o mandante do crime. "Sem isso, nunca vou ter sossego", diz Eloyna

Casamento de comerciante não sobreviveu à tragédia

Juntas, as famílias buscam maneiras de conviver com a dor, de lidar com os sobreviventes e de tentar reestruturar seu cotidiano. Missão espinhosa. O comerciante Antenor de Souza, por exemplo, não conseguiu evitar que a morte do filho mais velho, Eduardo, então com 19 anos, num acidente de trânsito, em 2000, provocasse o fim de seu casamento de 22 anos. O rapaz não queria sair, mas foi convencido pelo pai a acompanhar o irmão caçula, Guilherme, na época com 15 anos, a uma festa. A mulher de Antenor nunca o perdoou.

— Ela achava que, se eu não tivesse obrigado o Eduardo a sair, ele não teria morrido. Acabei me convencendo disso. Fui ao fundo do poço. Perdi 30 quilos, larguei o trabalho, passava os dias prostrado. O Guilherme quis ir embora com a mãe, porque também se sentia o culpado. Naquele acidente, perdi tudo — diz Antenor.

A aposentada Eloyna Guimarães Ferreira da Silva, de 64 anos, perdeu o marido e a saúde com a morte do filho caçula, Frederico Guimarães Ferreira, Fred, de 21 anos, foi assassinado por integrantes de uma gangue, em Ipanema, em 24 de novembro de 1998. Desde esse dia, Eloyna carrega no peito o cordão do filho.

— Às vezes, até esqueço do



WAGNER DE MORAES: O

cirurgião plástico fez do quarto da filha, Michelle de Moraes, um "cantinho para meditação". A moça, que estudava medicina, foi assassinada em 1999. Wagner doou quase todas as roupas, livros e pertences da filha. Mas, no banheiro, a arrumação dos perfumes feita por Michelle foi mantida. "Gosto de sentir que minha filha está perto de mim. Assim, vou tocando a vida", diz ele.

cordão. Mas, se passo a mão no pescoço ou me olho no espelho, desabo a chorar. Nossa vida ficou por um fio desde a morte do Fredinho — diz ela.

O funcionário público Renato Pacheco e a professora Rita de Cássia Pacheco, ambos de 45 anos, sabem bem o que é se equilibrar sobre esse fio. Há três anos, eles perderam o único filho, Marcelo, então com 17 anos, numa brincadeira de roleta-russa. O casal doou todos os órgãos de Marcelo, entre-

gou os pertences do rapaz a uma instituição de caridade e doou a poupança — que serviria para pagar a universidade — a uma creche numa favela de Niterói. Por fim, Renato e Rita tomaram uma decisão corajosa: adotaram um bebê.

— Nada substituirá o Marcelo. Mas, sem uma criança para cuidar, nossa vida parecia ter um buraco do tamanho do mundo — afirma a professora, que, depois de Débora, hoje com 9 meses, procura ou-

tra criança para adotar.

Ter outro filho também está nos planos do cirurgião Wagner de Moraes, pai da universitária Michelle de Moraes, assassinada aos 22 anos, em 1999. Antes disso, porém, Wagner escreve um livro sobre o que é ser um sobrevivente:

— Não fiquei maluco, mas, às vezes, tenho a impressão de que estou perdendo a lucidez. A presença da Michelle ainda é muito forte na minha vida — afirma ele. ■

Como superar a tragédia

• **PROCURAR AJUDA:** A psicóloga Gláucia Rezende Tavares, que, juntamente com o marido, o médico Carlos Eduardo Tavares, criou, há três anos, a Associação de Perdas Irreparáveis (API), afirma que ajuda é fundamental. Quem perde um filho fica num estado deplorável e ninguém tem uma receita pronta. Mas segundo Gláucia, no grupo, percebe-se que quem procurou ajuda sobreviveu com menos dificuldade.

• **DIMENSIONAR A PERDA:** O psicólogo e educador Marcelo Carvalho lembra que perder um filho é uma situação antinatural, já que o ser humano é preparado para ver o mais velho morrer antes do mais jovem e não o contrário. Segundo ele, nestes casos, os quatro tipos de perda — material, física, psicológica e afetiva — ocorrem de uma só vez. A perda material resulta da mudança no estilo de vida causada pela ausência do filho. Na física, os pais sentem como se tivessem ficado sem um pedaço. A psicológica atinge a auto-estima e traz o sentimento de culpa. E a afetiva está relacio-

nada à falta um ente querido. Mas, por maior que seja a perda, segundo Carvalho, é preciso voltar a viver.

• **BUSCAR FORMAS DE EXPRESSÃO:** Os pais da API escreveram o livro "Do luto à luta" e fazem trabalhos de arte. Eles fizeram, por exemplo, trabalhos em mosaico para juntar literalmente os cacos. Escrever também pode ser uma opção. É importante respeitar o tempo de luto, mas procurar formas de reagir.

• **CUIDAR DOS SOBREVIVENTES:** Gláucia lembra que os filhos que sobrevivem precisam de atenção. Eles vivem a dor dos pais, convivem com a imagem de um irmão idealizado e enfrentam a dúvida: "Será que se fosse eu, seria igual?". Segundo Gláucia, não podem ser deixados de lado.

• **TER DESPRENDIMENTO:** Marcelo Carvalho é contra manter objetos dos filhos. Para ele, do ponto de vista psicológico, isso não funciona muito bem. Desfazer-se dos objetos é uma forma necessária de se desprender da tragédia.